

O Impacto Dos Weblogs: Geopolítica, Compartilhamento e Filosofia Open Source¹

Autor

Priscila Arantes²

Universidade

Docente da Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC/SP) e do SENAC/SP

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo discutir o impacto de novos formatos de comunidade em rede, tal como os weblogs, na sociedade contemporânea. Parte do pressuposto de que o crescente uso de formas operacionais em rede tais como os weblogs, software livre, wiki, entre outros, são importantes estratégias de democratização, de compartilhamento, de acesso e de troca de informações em rede e, neste sentido, podem ter um papel importante na resistência coletiva contra o poder nômade.

Palavras-chave

weblog; compartilhamento; filosofia *open source* ; mídia ativismo; arte ativismo

Corpo do Trabalho

Muitos analistas da sociedade e da cultura vêm afirmando que estamos vivendo um verdadeiro choque do futuro ocasionado, sobretudo pelos avanços das tecnologias da informação. Aglutinada sob o rótulo de revolução digital este novo momento histórico vem

¹Trabalho apresentado ao NP 08 - Tecnologias da Informação e da Comunicação, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Priscila Arantes é crítica, teórica e pesquisadora no campo da arte e tecnologia. É doutora e professora de arte digital e estética tecnológica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e coordenadora do Curso de Pós Graduação em Mídias Interativas do SENAC/SP. É colaboradora da revista *Cibercultura* do Instituto Itaú Cultural, da Revista *Trópico*, entre outras. Fez parte do corpo de jurados do Festival Internacional de Linguagens Eletrônicas (2003) e é pesquisadora no PEPG em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), onde desenvolveu o doutorado *Arte e Mídia no Brasil: perspectivas da estética em tempo digital* (no prelo-Ed.Senac). Foi finalista do IV Prêmio Cultural Sérgio Motta com o projeto *Brasil Mídia Digital*, desenvolvido em co-autoria com Marcus Bastos.

se deslocando rumo à formação de novos paradigmas, trazendo reverberações profundas em diversas esferas da sociedade contemporânea.

As recentes discussões sobre a sociedade pós-industrial e em rede, as modificações no campo do trabalho e da própria economia, bem como as discussões que dizem respeito às novas formas de controle engendradas pelo sistema capitalista pós-industrial, são exemplos de como a organização social tem estado intimamente ligada ao desenvolvimento e impacto tecnológicos.

Não por acaso Michel Foucault (1988) em seus últimos trabalhos sobre biopoder e biopolítica cunha o termo *políticas tecnológicas* para descrever não somente as novas estratégias políticas desenvolvidas pela sociedade capitalista como, também, para afirmar a estreita sinergia entre o desenvolvimento tecnológico e a sociedade.

Uma das principais características deste novo paradigma tecnológico, lugar comum entre os debates contemporâneos, diz respeito ao fato de que a informação vem se tornando a matéria prima cada vez mais central do processo produtivo. Para alguns (Amadeu:2003), o capitalismo pós-industrial tenderia a atingir um estágio em que o compartilhamento e a distribuição do conhecimento tecnológico poderiam gerar mais riquezas de que seu tradicional modelo baseado na propriedade privada dos meios de produção.

Não por acaso vimos surgir no cenário contemporâneo movimentos tal como o do *software livre*, discussões sobre as questões do *copyleft* e inclusão digital. Munidos pelo espírito de democratização ao acesso e ao compartilhamento da informação, estes movimentos buscam romper com o aprisionamento do conhecimento tecnológico a uma inteligência redutora e monopolista.

Um interessante e já conhecido exemplo de ação gerada pela motor do *copyleft* é o projeto da Wikipedia, uma enciclopédia planetária construída a partir da colaboração de pessoas de todo o mundo que livremente criam verbetes e alteram os antigos, possibilitando o desenvolvimento de uma rede rizomática de conhecimento construída de forma compartilhada e coletiva.

Weblogs, Mídia Ativismo e Matilha

É dentro deste contexto que surgem os weblogs que, deixando de ser um reduto somente de adolescentes e aficcionados pela Internet, vêm chamando a atenção de

executivos de grandes empresas, economistas, governantes entre outros nichos da sociedade civil.

De acordo com Rebecca Blood os weblogs eram inicialmente filtros de conteúdo na Internet. Baseavam-se em links e dicas de websites pouco conhecidos funcionando, também, como uma espécie de publicação eletrônica.

O conhecimento da linguagem HTML era uma barreira constante para o aumento do número de usuários que só foi quebrada com o surgimento das ferramentas dos sistemas baseadas na WEB, como o Blogger, entre tantos outros. Se em 1999 havia somente 23 weblogs conhecidos, passando para 41 mil em 2002, hoje temos em torno de 9 milhões de sites do gênero.

Seja como for, o weblog surgiu como uma ferramenta simples de criar conteúdo dinâmico em um website baseando-se principalmente em microconteúdos e atualização frequentes. Uma de suas principais características é a possibilidade de serem configurados para que vários usuários possam estar habilitados a publicar textos/imagens . A ferramenta de comentários nos blogs, portanto, é essencial para que haja interação entre vários indivíduos possibilitando, desta forma, o compartilhamento de uma rede de conhecimento.

Interessante perceber que, para além de serem vistos como meras ferramentas de troca de informações, estas novas formas operacionais e em rede vêm sendo vistas, também, como instrumentos importantes de mídia ativismo.

Alex Galloway (2004), por exemplo, afirma que a própria flexibilidade das redes de distribuição abre espaço para novas formas de resistência. Ela é possível, segundo ele, graças ao uso emancipatório das mídias, pois qualquer indivíduo tem a liberdade e a facilidade de utilizá-la a seu favor , saindo do estágio de “indivíduo receptor” para ser um indivíduo interator. Para o coletivo de ativistas *Critical Art Emsemble* movimentar-se no tanque de poder líquido “não precisa ser necessariamente um ato de aquiescência e cumplicidade. A despeito de sua situação difícil, o ativista político e o ativista cultural ainda podem produzir distúrbios (...) colocando a força destrutiva da inércia contra o domínio nômade”.(2001:34)

Dentro deste espírito poderíamos dizer que o crescente uso de formas operacionais de comunidades da rede, tais como o software livre, fóruns, listas de discussão, wiki, Indymedia (Centros de Mídias Independentes), bem como os weblogs são importantes

estratégias de democratização, de compartilhamento, de acesso e de troca de informações e, neste sentido, podem ter um papel importante na resistência coletiva contra o poder nômade.

Por outro lado é interessante notar que o fenômeno da formação de grupos sociais sempre foi objeto de interesse por parte dos teóricos e analistas da cultura. Para Freud, por exemplo, principalmente em seus textos *Psicologia das Massas e Análise do Eu* e em *Totem e Tabu* o Homem tem necessidade de se estabelecer em sociedade. Para ele a massa tem uma relação erótica com a autoridade que sempre existe, personificada, na figura do líder.

No contexto da internet, como pensar a formação destes coletivos, destas comunidades, destas emergentes formas de socialização?

Deleuze parece nos indicar uma resposta. Nestes casos tratam-se de multiplicidades que se unem de forma rizomática, não como uma massa, mas como uma matilha que se agregam metamórficas e desterritorialmente:

sem dúvida - diz Deleuze - não existem mais igualdades e nem menos hierarquia nas matilhas do que nas massas, mas elas não são as mesmas (...) a matilha, mesmo em seus lugares, constitui-se numa linha de fuga ou de desterritorialização (...) na matilha, cada um permanece só, estando com os outros; cada um efetua sua ação ao mesmo tempo em que participa do bando (Deleuze 1995:47)

Se para Hobbes, o pacto social fundava-se na existência do medo; se para Freud a relação política básica parecia consistir-se numa relação erótica da massa com a autoridade, a palavra chave dos weblogs, bem como de outras formas operacionais em rede, parece ser a colaboração, isto é, o compartilhamento de informações através de uma multiplicidade desterritorializada.

Mídia Ativismo, Coletivos e Práticas Artísticas

Por outro lado seria interessante lembrar que as discussões sobre a utilização dos dispositivos midiáticos de forma colaborativa e compartilhada não é recente e muito menos produto do século 21.

Em *Teoria da Rádio* (1932) B. Brecht, por exemplo, já destaca o papel da radiofusão como fenômeno de comunicação e mecanismo de democratização social. No Manifesto de Arteônica (1971) o artista brasileiro Waldemar Cordeiro destacava o papel obsoleto da arte tradicional e a importância da democratização do acesso à produção artística via os meios telecomunicativos. A mesma ideia seria retomada mais tarde por Júlio Plaza, então curador da seção de Arte Postal da 16ª Bienal Internacional de São Paulo (1981). No catálogo da exposição Plaza acentuava o aspecto democratizador da *mail arte*, criticando o estatuto da “propriedade da arte ou seja a cultura como prática econômica, e que propõe a informação artística como processo e não como acumulação”.

Já nos anos 70/80 uma série de artistas começam a se utilizar de satélites, *slow scan tv*, telefone, fax entre outras formas de distribuição de informação. A proposta destes eventos era a de ultrapassar a atitude tradicional e contemplativa em relação ao objeto artístico. O caráter transgressor de algumas destas práticas se faz notar, por exemplo, em projetos tais como “Louvre du Louvre” (1990) que contou com a curadoria de Paulo Laurentiz e cuja proposta era a invasão, via fax, do Museu do *Louvre* na França.

Dentro do contexto da Internet podemos lembrar das novas produções em *net arte* que muitas vêm subvertendo os protocolos normais de trânsito e fluxo de informações realizados em rede trazendo à luz temas que no ciberespaço se tornam mais explícitos, tais como a questão da autoria, do plágio, da remixagem, do hacheamento, do copyright, das situações de compartilhamento e dos espaços colaborativos.

Interessante perceber que este espírito transgressor acompanha o próprio termo *net arte* que parece ter surgido pela primeira vez em 1995 como uma espécie de *ready made* em uma lista de discussão sobre as produções artísticas realizadas na Internet.

The File Room, de Antonio Muntadas, é um dos primeiros trabalhos desenvolvidos para a internet. O projeto, que discutia o tema da censura cultural, consistia de uma instalação e um banco de dados, onde os usuários poderiam depositar os seus projetos censurados. Quatro anos mais tarde Mark Napier, em *The Digital Landfill*, também convidou os usuários a colocarem informações em um banco de dados. Mas contrariamente ao trabalho de Muntadas, o de Napier realizou uma crítica aos processos cada vez mais acumulativos e entrópicos das informações nas sociedades midiáticas. Já em *Paisagem 0* de Giselle Beilgueman, Marcus Bastus e Rafael Marchetti a ideia de um banco de dados ganha

contornos diferenciados: neste caso o banco de dados não é visto como um processo de acumulação excessiva de informação, mas como algo que está sendo compartilhado e construído coletivamente a partir das reciclagens e sampleagens realizadas pelos próprios internautas de maneira colaborativa.

Muito se tem discutido sobre a autoria, os direitos de autor e a propriedade da obra de arte em relação ao espaço da Internet – um espaço onde nenhuma informação está a salvo de ser reproduzida e reutilizada. Neste contexto coloca-se em cheque a noção de autoria e do artista gênio e a antiga discussão sobre o original e a cópia, bem como sobre o valor aurático da obra de arte parece aqui não ter nenhum sentido, já que a máquina informática é em si mesma uma tecnologia da digitalização, isto é, da clonagem; da transformação de um em outro.

Este é, por exemplo, um dos pontos-chaves do coletivo *Re:Combo* que vem desenvolvendo projetos de arte de forma colaborativa, operando um discurso essencialmente crítico sobre os processos de comercialização da Internet e sobre os conceitos de propriedade intelectual e autoria.

Exemplar também sobre a noção de autoria no ambiente da Internet são os trabalhos de Cícero Inácio Silva tais como o projeto *Assina: do texto ao contexto* (<http://www.pucsp.br/~cicero/assina>) que investiga as questões que dizem respeito à autoria, à veracidade e ao excesso de informações veiculadas na rede. Em *Plato On-line: Nothing, Science and Technology* Cícero desenvolve um periódico científico fictício que apresenta textos “acadêmicos” gerados por algoritmos. Os textos, totalmente sem sentido, colocam em debate não somente a indústria do “citacionismo acadêmico” como também a veracidade das informações veiculadas pela Internet. Mais recentemente o grupo Brazuca formado por Cauê Abrão, Levi Nakagawa, Marcello Kanai, Maurício Gianinni, Moisés Pinheiro e Roberto Andrade, escrevem o Manifesto de net arte assinalando, dentre outros pontos, a importância dos trabalhos colaborativos..

Vale lembrar, também, as intervenções de *arte-hacktivismo* promovidas pelo 0100101110101101.org, um site tipicamente de *resistência* que coloca em debate as noções de autoria, direito autoral e plágio no contexto da internet. Em *Vaticano.org* a proposta era a de hacker o *web site* oficial do Vaticano colocando, *on line*, uma versão com algumas modificações. Outro trabalho que acompanha este espírito ativista é *Mejor Vida*

Corporation, de Miverva Cuervas, um site de uma empresa fictícia que oferece inúmeros produtos passíveis de serem “comprados” pela rede realizando, de forma irônica, uma série de questionamentos ao sistema capitalista.

Dentro de uma outra perspectiva encontram-se aqueles trabalhos que subvertem as interfaces usuais, rompendo com as expectativas comuns dos usuários da internet. Como é o caso do divertido trabalho *Z* de Antoni Abad . Aqui somos levados a uma tela cinza que contém uma mosca impossível de ser clicada. O objetivo deste projeto é o de não comunicar. Rompe com os protocolos habituais da internet, quando clicar significa acessar, encorajando, assim, o usuário a pensar sobre as restrições e o controle impostos pela internet. Já em *Referencias* de Ricardo Iglesias ou no *site* do grupo brasileiro *Corpos Informáticos* a idéia é questionar as interfaces fundadas em janelas. Apresentam um espaço fluido e caótico, rompendo com a estrutura tradicional das disposições das janelas na tela do computador.

Há ainda, neste contexto, os trabalhos desenvolvidos pelo *Critical Art Emsemble* tais *BIOBOM*, uma empresa fictícia que faz uma crítica irônica aos processos de manipulação genética e do corpo na contemporaneidade.

Vale lembrar, também, de propostas de coletivos artísticos e ativistas que muitas vezes se utilizam de weblogs para o compartilhamento de suas criações e discussões.

O coletivo espanhol *straddle3*, por exemplo, no weblog <http://www.straddle3.net/contex>, além de fornecer interessantes discussões sobre as questões que perpassam a interface entre arte, ciência e tecnologia, incorpora um design que extrapola o design dos sites tradicionais do gênero. O site *Turbulence* (<http://www.turbulence.org/blog/index.html>), um dos mais interessantes na área de net arte, tem um blog voltado para as discussões sobre o impacto das novas tecnologias - tais como a realidade aumentada, a telepresença, etc - na área da performance.

No Brasil pode-se destacar, além do blog <http://arte.coletivos.zip.net> que faz uma coletânea de 45 sites de espaços independentes, coletivos de artistas e mídia, o *blog* do Canal Contemporâneo que vem servindo não somente para as discussões que perpassam a arte contemporânea mas também para as discussões que permeiam a política cultural no país. Vale destacar o papel que o Canal teve para a difusão do movimento *Tecnopolíticas*

que mobilizou cerca de 600 assinaturas em repúdio à portaria do Ministério da Cultura que excluiu a área de arte e tecnologia da portaria número 01 de 19 de fevereiro de 2004.

Já o blog de Ari Almeida vem causando frisson no meio, sendo já visitado por mais de 13 mil pessoas. Ari Almeida é o nome fictício de um dos integrantes do grupo subterrâneo *Delinquentes*, formado por 5 jovens de Curitiba que vem atuando, há seis meses pela cidade em delirantes manifestações de “arte-sabotagem” e “terrorismo poético” tais como reproduzir berros de bois agonizantes em uma churrascaria ou interferir na transmissão do *Jornal Nacional* para tirar sarro da morte de Roberto Marinho. De junho até agora, eles já produziram mais de 30 ataques, todos relatados no blog <http://www.delinquente.blogger.com.br>.

Outro interessante projeto de mídia ativismo é o [Projeto MetáFora](#) que surgiu com o objetivo de ser um canal de pesquisa sobre comunicação, internet, filosofia e cibercultura. O que fez o Metáfora se destacar, na verdade, foi a forma como as discussões se comportavam, pois elas se tornaram mais do que simples listas de discussões.

De acordo com Felipe Fonseca, um dos criadores do projeto, as conversações propiciadas pelas listas de debates, fóruns e e-mails promoveram a cultura do compartilhamento beneficiando a mentalidade do conhecimento aberto e livre e da inteligência coletiva.

Não por acaso de Metáfora parece ter saído uma série de outros projetos tais como o blogchalking — www.blogchalking.tk, um projeto de Daniel Pádua, que utiliza “metatags” com informações geográficas e demográficas dos blogs - um esforço para programar coletivamente os sites de busca e possibilitar pesquisas por blogs por região, por idade, etc-. Também podemos destacar o projeto Metareciclagem – que visa reciclar computadores, instalando softwares livres e reforçando a inclusão digital, o MetaOng, uma comunidade de notícias e artigos para o terceiro setor onde os próprios usuários definem o que é publicado, o MídiatáticaBrasil, entre tantos outros projetos que hoje fazem parte do cenário de mídiativismo no Brasil e que, muito provavelmente, irão se multiplicar em torno de novos projetos coletivos e colaborativos beneficiando a mentalidade do conhecimento aberto, livre e compartilhado; isto é: a filosofia *open source*.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor. Teoria Estética. São Paulo: Martins Fontes, 1970.
- AMADEU, Sérgio (org). Software Livre e inclusão digital. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.
- ARANTES, Priscila. Arte e Mídia no Brasil: por uma estética em tempo digital. Tese de doutoramento. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.
- , Priscila e PEREIRA, Mirna Feitoza. Arte Digital é tema de dois encontros em São Paulo. Revista Galáxia. Curso de Pós Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, n.05 [2003]
- Priscila, “Bienal de São Paulo flui em tempo real na net”, Jornal Folha de S. Paulo, Folha Ilustrada [04 de julho de 2002]
- BAUMGARTEL, Tilman. Netart: on the history of artistic work with telecommunications media. In WEIBEL, Peter; DRUCKEY, Timothy. Net Condition: art and global media. Karlsruhe, ZKM Center for art and media; Cambridge, MIT, 2002.
- Bdm
- BLOOD, Rebecca. Weblogs: a history and perspective. Disponível em:
http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html
- CASTELLS, Manuel. Ronei Venâncio Majer (trad.) A sociedade em rede - a era da informação: economia, sociedade e cultura, São Paulo, Paz e Terra, 1999.
- COSTA, Mario. O sublime tecnológico. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Experimento, 1995.
- , L'Estetica dei Media. Salerno: Capone editore, 1990.
- COUCHOT, Edmond. A tecnologia na arte: da fotografia à realidade virtual. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- DELEUZE, G., GUATTARI. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DOMINGUES, Diana. (org.) A arte no século XXI: a humanização das tecnologias. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.
- , Criação e interatividade na Ciberarte. São Paulo: Experimento, 2002.
- DOMINGUES, Diana (org). Arte e Vida no século XXI. São Paulo: Unesp, 2003.
- EMSEMBLE, C.A. Distúrbio eletrônico. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.
- FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- FREUD, S. Obras completas. Vol. IX. Ed. Delta S.A. Rio de Janeiro.

- GALLOWAY, A. Protocol: how control exists after decentralization. MIT Press, Cambridge, Massachusetts, London, 2004.
- HORKHEIMER, Max; ADORNO, T. Dialética do Esclarecimento. RJ: Jorge Zahar Ed. 1985.
- KERCKHOVE, Derrick de. Connect intelligence: the arrival of the web society. Souerville House publishing, Toronto, 1997.
- LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era informática. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed.34, 2000.
- LÉVY, Pierre. Cibercultura. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LYOTARD, F. O Pós Moderno. Trad. Ricardo Correia Barbosa. 4 ed. RJ: José Olympio, 1993.
- McLUHAN, M. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo. Editora Cultrix, 1995.
- ROSNAY, Joel. O Homem Simbiótico. Petrópolis: Vozes, 1997.
- VIRILIO, P. O espaço crítico – e as perspectivas do tempo real. São Paulo, Editora 34, 1999.